

Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA  
Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território - ILATIT  
Curso de Arquitetura e Urbanismo

**A territorialidade dos corpos jovens na cidade:**  
um estudo de caso sobre a ocupação contra-hegemônica

Ana Letícia Craco Nanuncio

Foz do Iguaçu - PR

2019

Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA  
Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território - ILATIT  
Curso de Arquitetura e Urbanismo

**A territorialidade dos corpos jovens na cidade:**

um estudo de caso sobre a ocupação contra-hegemônica

Ana Letícia Craco Nanuncio

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Celina Felício Veríssimo

Co-orientador: Prof.<sup>o</sup> Me. Liebert Bernardo Rodrigues Ferreira Pinto

Ana Letícia Craco Nanuncio

**A territorialidade dos corpos jovens na cidade:**

um estudo de caso sobre a ocupação contra-hegemônica

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Tecnologia, Infraestrutura e Território da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Celina Felício Veríssimo

UNILA

---

Co-orientador: Prof. Me. Liebert Bernardo Rodrigues Ferreira Pinto

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Karine Gomes Queiroz

UNILA

---

Prof. Dr. Gabriel Rodrigues da Cunha

UNILA

17 de dezembro de 2019

### **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente a meus pais por todo o amor e dedicação que a mim foram oferecidos durante todos estes anos e, agora, agradeço a eles por possibilitarem minha formação no curso que escolhi quando ainda era pequena.

Agradeço também a todos os meus professores, que presenciaram e colaboraram no meu crescimento como a arquiteta e urbanista que sempre sonhei em ser. Gostaria de dar enfoque à prof.<sup>a</sup> Céline Felício Verissimo que, além de orientadora durante a segunda etapa deste trabalho, me ajudou emocionalmente em tempos difíceis longe da minha família. Gostaria ressaltar meu agradecimento ao prof. Liebert Bernardo Rodrigues pelo tempo e paciência como orientador na primeira etapa deste trabalho e co-orientador na segunda. Espero que tenha tido uma boa primeira experiência como orientador. Gostaria de lembrar também do prof. Leonardo Name que, apesar de não ser meu orientador, me ajudou sempre que pôde com este trabalho. Lembrarei de vocês com carinho e admiração para sempre.

Queria também agradecer a meus colegas e amigos, principalmente a Yuri Alfonso Yang e Nicole Garay Cárcamo: sem a ajuda, apoio e carinho de vocês a conclusão desta etapa da minha vida não seria possível.

Gostaria de agradecer também à todos os integrantes da Secretaria Acadêmica do ILATIT, principalmente à Márcia Medeiros, que sempre me ajudaram com meus problemas burocráticos (os quais sempre me atrasava em cumprir).

NANUNCIO, Ana Letícia Craco. **A territorialidade dos corpos jovens na cidade:** um estudo de caso sobre a ocupação contra-hegemônica. 2019. 46 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), Foz do Iguaçu (PR), 2019.

## Resumo

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Arquitetura e Urbanismo teve como objetivo desenvolver um método de “anti-arquitetura” ou “anti-projeto” baseado na forma em que os adolescentes e jovens-adultos se apropriam e ocupam o espaço da cidade. A partir disso desenvolveu-se uma *zine*-manual para incentivar a ocupação de espaços abertos e fechados, públicos, devolutos e abandonados. Esta análise é relevante pois existe por um lado uma marginalização dos jovens enquanto contra-hegemônicos, este público alvo não é comumente contemplado em Arquitetura e Urbanismo enquanto atores culturais e políticos da cidade. Este TCC debruça-se sobre a diversidade social e cultural jovem de cidades pequenas e médias, dando destaque ao caso de Foz do Iguaçu enquanto grupos invisibilizados pelo aparato consumista dos shoppings na modernidade eurocêntrica, assim se propondo a autonomizar processos de ocupação espacial.

A *zine*-manual tem como público alvo a população marginalizada socialmente, empoderando-a para ocupar espaços para a produção de cultura, capacitação, alimentação, educação, moradia ou até mesmo criação de renda de forma autônoma. Este local a ser produzido tem a função de oferecer um espaço seguro e de livre expressão para estes jovens que se escondem por falta de aceitação social, criando uma emancipação e criando novas formas contra-hegemônicas de morar, apropriar e viver em geral.

Palavras chave: Diversidade; Resistências urbanas; Adolescentes; Jovens-adultos; Ocupação; Contra-hegemonia.

## **Abstract**

This Course Conclusion Paper in Architecture and Urbanism aimed to develop a method of “anti-architecture” or “anti-project” based on the way in which adolescents and young adults appropriate and occupy the space of the city. From this, a manual-zine was developed to encourage the occupation of open and enclosed, public, vacant and abandoned spaces. This analysis is relevant because there is a marginalization of young people as counter-hegemonic, this target audience is not commonly contemplated in Architecture and Urbanism as cultural and political actors of the city. This Course Conclusion Paper focuses on the youthful social and cultural diversity of small and medium-sized cities, highlighting the case of Foz do Iguaçu as groups made invisible by the consumerist apparatus of shopping centers in Eurocentric modernity, thus proposing to autonomize processes of spatial occupation.

The manual-zine has as its target audience the socially marginalized population, empowering it to occupy spaces for culture production, capacitation, food, education, housing or even income creation autonomously. This place to be produced has the function of providing a safe and free space for these young people who hide for lack of social acceptance, creating an emancipation and creating new counter-hegemonic ways of living, appropriating and living in general.

Key words: Diversity; Urban resistance; Teenagers; Young adults; Occupation; Counter-hegemonic.

## Sumário

Introdução.....	7
CAPÍTULO 1 – Da situação geradora.....	12
Resistências urbanas.....	13
Culturas Jovens Urbanas.....	16
Relação Corpo-Território.....	17
Contexto Histórico da Aplicação do Projeto.....	18
Capítulo 2 – Das situações existentes.....	22
Análises de ocupações urbanas.....	22
Síntese teórico conceitual do projeto.....	28
Capítulo 3 – Das soluções.....	34
Metodologia.....	34
Sobre os resultados do trabalho de campo.....	35
A “Anti-Arquitetura” ou “Anti-Projeto”.....	35
Considerações Finais.....	38
Bibliografia.....	39

## Introdução

O eixo deste TCC é Ateliê Integrado devido ao projeto que, auto-organizado (“faça você mesma(o)”), tem o objetivo de ocupar vazios urbanos (edifícios devolutos, desocupados ou abandonados) pela população jovem contra-hegemônica e/ou em situação de risco na cidade.

A pesquisa indaga como o público jovem contra-hegemônico se apropria do espaço urbano, quais são os benefícios deste tipo de usuário para a cidade e como empoderar esta apropriação.

Dentro do contexto de muitas cidades brasileiras de médio e pequeno porte, a presença de certas tribos urbanas compostas por jovens costuma provocar incômodo aos segmentos mais conservadores da sociedade. A natureza contestadora de grupos como *punks*, *rappers*, *hippies*, LGBTs e outros desviam dos padrões de comportamento estabelecidos como “normais”, podendo ser considerados “excluídos” ou “marginais”, o que inclui a forma que esses grupos ocupam o espaço. Ao ocuparem e se apropriarem de espaços, esses jovens tentam produzir e reproduzir suas ideias e valores através de arte urbana, esporte e até mesmo do próprio corpo, que se expressa através de roupas, modificações corporais, adereços e ao mesmo tempo ocupa o espaço produzindo territorialidades.

No estado do Paraná, com centenas de cidades pequenas (379 cidades de até 100.000 habitantes no estado), algumas de médio porte e grande porte (18 médias – de 100.000 a 500.000 de habitantes - e 1 grande – de 500.000 a 1.000.000 de habitantes) e uma metrópole, Curitiba<sup>1</sup>, percebemos, nestes três modelos de cidades uma característica importante: a presença de jovens engajados politicamente que produzem arte e ocupam espaços. Independente do tamanho da cidade, devido ao grande fluxo de informações causado pela *internet*, grupos com ideias semelhantes se formam e geram territorialidade e se expressam em sua maneira de se comportar e de se vestir.

A população adolescente e jovem-adulta (dos, aproximadamente, 14 aos 28 anos) tem vontade de ser ouvida e fazer parte da cidade não só como população

---

<sup>1</sup> Segundo IBGE, 2017. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/panorama>>. Acesso em: 03/05/2019.



economicamente ativa, mas também como politicamente ativa. Assim surgem, por exemplo, grupos como *skatistas*, que ocupam ruas e praças com o corpo e seus *skates*; e *rappers*, que se reúnem, muitas vezes em público, em locais estratégicos, com o objetivo de criticar e entender a sociedade e o sistema a partir da música.

Este trabalho tem a intenção de estudar a forma na qual certos grupos de jovens ocupam e se apropriam de espaços urbanos para pensar em formas para o seu empoderamento e ocupação segura. No contexto atual da cidade de Foz do Iguaçu, vários grupos jovens vêm sofrendo forte repressão por parte da Polícia Militar e Guarda Municipal, justamente pela forma na qual se expressam nos espaços urbanos públicos.

Imagem 1: Captura de tela de manchete do jornal digital da Rádio Cultura, 2019

## Operação aborda 400 pessoas na pista de skate em frente ao Ginásio Costa Cavalcanti

A Ação Integrada de Fiscalização Urbana (AIFU) foi realizada pela Guarda Municipal, Grupo CHOQUE e Canil da Polícia Militar, Conselho Tutelar, Bombeiros e Secretaria Municipal da Fazenda.



por radiocultura — 12 de março de 2019 em Segurança

👍 0 🗨️ 0 💬 0



Fonte: Rádio Cultura Foz. Disponível em:

<<https://www.radioculturafoz.com.br/2019/03/12/operacao-aborda-400-pessoas-na-pista-de-skate-em-frente-ao-ginasio-costa-cavalcanti/>>. Acesso em: 02/05/2019.

Dando ênfase a cidades de pequeno e médio porte – como é o caso de Foz do Iguaçu (PR) –, este TCC teve como objetivo mostrar que também nestas cidades estes grupos de jovens que são considerados “desviantes” dos padrões de comportamento vigentes lutam por seus espaços no ambiente urbano.

Outro aspecto relevante é que ocupar espaço urbano subutilizado é de grande importância na geração da cidade como um espaço mais dinâmico e na redução o desadensamento urbano. A autora Jane Jacobs, em seu livro *Morte e vida das grandes cidades* (1961), já afirma que reduzir o adensamento de uma cidade não é algo desejável, podendo prejudicar os usuários do espaço público, gerando espaços que podem até mesmo se tornar violentos (p. 33).

Os motivos dos altos índices de criminalidade de Los Angeles são sem dúvida complexos e, ao menos em parte, desconhecidos. De uma coisa podemos ter certeza: reduzir o adensamento de uma cidade não garante a segurança contra o crime nem previne o temor ao crime. Essa é uma das conclusões a que se pode chegar também em cidades menores, onde os pseudossubúrbios ou os subúrbios de aposentados são o cenário ideal para estupros, roubos, espancamentos, assaltos à mão armada e similares.

(JACOBS, 1961. p. 33)

Ocupar espaços não significa apenas os espaços públicos, mas também os privados que estejam ociosos, fazendo respeitar o Estatuto da Cidade, que prevê que os imóveis urbanos tem que estar cumprindo com a sua função social, atendendo às necessidades dos cidadãos, evitando assim vazios urbanos e, portanto, adensando a cidade:

Art. 39. A propriedade urbana cumpre sua função social quando atende às exigências fundamentais de ordenação da cidade expressas no plano diretor, assegurando o atendimento das necessidades dos cidadãos quanto à qualidade de vida, à justiça social e ao desenvolvimento das atividades econômicas, respeitadas as diretrizes previstas no art. 2o desta Lei.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Artigo 2º do Estatuto da Cidade em anexo (Anexo II)

Imagem 2: Batalha da Pista, evento de batalha de rap em Foz do Iguaçu, c. 2017



Foto: Luciano da Luz

Imagem 3: Oficina de skate na “Quadrinha”, pista de skate em Jandaia do Sul (PR), 2016

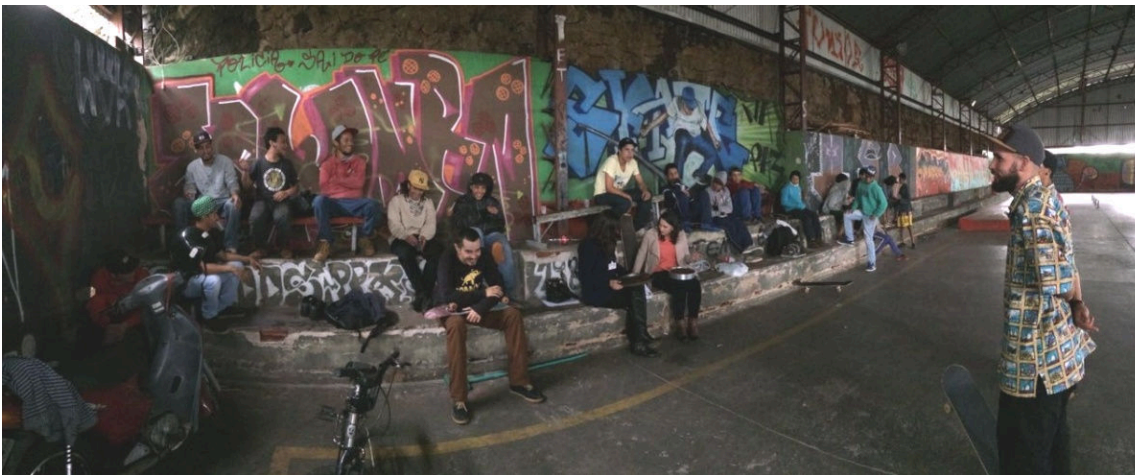


Foto: Prefeitura de Jandaia do Sul

O objetivo deste tcc foi Identificar e analisar grupos jovens que desviam do padrão de comportamento comum e estudar como ocupam e se apropriam do espaço urbano, identificando territorialidades.

Entendem-se como objetivos específicos analisar manifestações jovens na apropriação da cidade, estudando os movimentos dos quais fazem parte, dando destaque aos que se posicionam de forma contra-hegemônica (com arte de viés contracultural e aparência fora dos padrões mais amplamente aceitos socialmente);

- a. análise dos tipos e modos de manifestação que interferem no espaço urbano, gerando diversidade social e cultural;
- b. reconhecimento de mudanças produzidas na cidade pela população em estudo;
- c. conhecer e se aproximar do público alvo, descobrindo e vivenciando seus interesses, desejos e objetivos na cidade;
- d. propor um projeto que possa ser apropriado por estes jovens a partir de resultados da interação com este público;
- e. tornar o projeto viável e de baixo custo para ter condições de devolvê-lo para a comunidade estudada.

## **CAPITULO 1 - Da situação geradora**

Em Foz do Iguaçu, por volta de 2019, ocorreram casos de repressão sobre jovens que se reúnem em locais públicos com o objetivo de promover batalhas de rimas de *rap*. Este público se reúne em locais de grande fluxo turístico e locais de convívio de famílias de classe média, como são casos a Praça do Mitre e o Gramadão da Vila A, com o objetivo de se expressar. Estes grupos sofrem repressão até mesmo quando estão em locais que supostamente foram projetados para este público, como são os casos das repressões na pista de skate do bairro Campos do Iguaçu (imagem 1). Isto levanta o questionamento: qual é o lugar do jovem e do adolescente contra-hegemônico na cidade?



Imagem 4: Evento na pista de skate, bairro Campos do Iguaçu, Foz do Iguaçu (PR), 2018.



Fonte: Luciano da Luz, 2018.

O presente trabalho aborda textos de Paola Berenstein Jacques (2010), que comenta a apropriação dos espaços “cenarizados” pelos indivíduos, o que gera uma “profanação” desses espaços apolíticos que foram “revitalizados” pelo poder público ou privado. Aborda também David Harvey (2013) e seu conceito de direito à cidade onde a mercantilização do espaço urbano faz com que a moradia e o lazer se tornem mercadorias quando na verdade deveriam ser um direito humano.

Esta “profanação” de espaços apolíticos, que foram criados com o objetivo de valorizar financeiramente o local onde estão inseridos, é feita a partir da resistência e seus processos de apropriação do espaço, onde este e demais grupos marginalizados retomam o espaço urbano que deveria ser direito deles.

### **Território**

Neste trabalho, a discussão sobre território aparece com a intenção de investigar como os grupos jovens se apropriam do espaço, considerando que neste processo existe uma intrínseca relação de poder sobre o espaço. Consideramos assim que o conceito de *território*, segundo Rogério Haesbaert (2004. p. 1) “tem a ver com poder, mas não apenas ao tradicional ‘poder político’. Ele diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico, de apropriação”

Portanto, quando falamos em *territorialidade* estamos falando sobre uma relação dos indivíduos e grupos com o espaço que envolve a produção e reprodução de relações de poder que condiciona o ato de ocupar e se apropriar dos espaços. Assim sendo, é necessário também diferenciar os conceitos de *espaço* e *território*:

“É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. A se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação), o ator ‘territorializa’ o espaço. (...) O território, nessa perspectiva, é um espaço onde se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder. O espaço é a ‘prisão original’, o território é a prisão que os homens constroem para si. (...) O espaço é portanto anterior, preexistente a qualquer ação. O espaço é, de certa forma, ‘dado’ como se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. ‘Local’ de possibilidades, é a realidade material preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção dele se apoderar. Evidentemente, o território se apóia no espaço, mas não é o espaço. É uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder.”

(RAFFESTIN, 1993, p.143-144)

### **Resistência Urbana**

Os projetos urbanos atuais, de viés “higienista”, tendem a promover espaços que dificultam o questionamento ou politização. A liberdade de expressão é tolhida pelo próprio desenho urbano, desenho este que beneficia o capital e funciona como mecanismo de poder sobre os usuários. O pedestre se torna um usuário indesejado da cidade já no Modernismo, com vias mais largas e espaços desencarnados. O espaço público se torna a partir de então algo para ser visto por quem passa em carros, para os que não intervêm criticamente e politicamente sobre o espaço da cidade, isolados da interação social urbana, evitando a presença do próprio corpo na cidade.

Os atuais projetos urbanos contemporâneos são realizados no mundo inteiro segundo uma mesma estratégia: homogeneizadora, espetacular e consensual. Estes projetos buscam transformar os espaços públicos em cenários, espaços desencarnados, fachadas sem corpo: pura imagem publicitária. (...) ou seja, são espaços apolíticos.

(JACQUES, 2010. p. 108)

A parte da cidade que é ocultada pela sociedade hegemônica – a parte da cultura de rua, da periferia, da mulher, do jovem, da pessoa fora do padrão e outros – não aparece como foco em projetos de produção da cidade pelos órgãos de

infraestrutura governamentais justamente com o objetivo de tornar estes corpos invisíveis, aumentando assim o valor de mercado desta urbanidade.

Seria importante compreendermos também que existe sempre uma 'outra cidade' escondida, ocultada, apagada ou tornada opaca – por todas essas estratégias de marketing que criam imagens urbanas pacificadas e consensuais – que resiste (...).

(JACQUES, 2010. p. 109)

Os movimentos de micro-resistência urbana acabam encontrando na arte uma maneira de se mostrar presentes. Isso acontece no caso do grafite, no pixo e na performance. Estas expressões geram algum tipo de influência a partir do poder de sua presença, uma resistência crítica.

Nesta busca da prática de um urbanismo mais incorporado, através de micro-resistências urbanas, algumas experiências artísticas contemporâneas no ou sobre o espaço urbano podem vir a ser bons detonadores. Mesmo se boa parte do poder simbólico já foi capturado pelo capital financeiro privado nesta atual fábrica de imagens consensuais, podemos pensar em micropoderes como possibilidade de ação crítica, (...), uma resistência não pensada como uma simples oposição binária.

(JACQUES, 2010. p. 115 )

Figura 5: Drag queen Luna Blue em performance, Foz do Iguaçu, 2017.



Fonte: João Victor Fonseca / Facebook (2017)



6: Pixo no Terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu, 2018.



Fonte: Autoria própria, 2018.

Os ativismos e movimentos sociais são importantes na discussão sobre o jovem contra-hegemônico, pois, muitas vezes, fazem parte da atuação política de alguns destes movimentos. As intervenções na cidade por parte de grupos jovens surgem com fundação em ideias e conceitos de protesto, como são os casos de movimentos de orgulho LGBTQI+, negro e feminista, que tem integrantes em escala global. Além deste caso percebemos também ativismos em função de propósitos locais, focando a cidade ou o próprio bairro.

Criar cultura e arte significa elaborar novas formas de comunicação, de significação e interpretação do mundo. Esta criação não se faz a partir do vazio, (...). No caso do hip hop, a fonte que alimenta a criação cultural e artística dos integrantes do movimento é o lugar onde moram, são as comunidades que freqüentam e onde estão seus amigos, é a cidade desigual e contraditória em que vivem.



(SOUZA e RODRIGUES, 2004. p. 101)

### Culturas Jovens Urbanas

Grupos de gostos, ideias e intenções semelhantes geram produções de cunho semelhante. Exemplos disso são pichadores, *drag queens* e *b.boys*<sup>3</sup> que, apesar das diferenças entre si, possuem a semelhança de consumir e produzir cultura que se assemelha ao que os demais do seu grupo consomem e produzem. Os espaços apropriados por estes agentes criam novas dinâmicas da cidade, tornando-a mais viva e diversa em diferentes horários do dia.

Imagem 7: Integrante do grupo de break dance Sioux Crew em ensaio, Foz do Iguaçu (PR), 2018.



Fonte: Sioux Family / Facebook (2018). Disponível em: <https://www.facebook.com/SiouxFamily/photos/a.272303603335075/276925679539534/?type=3&theater>. Acesso em: 10/06/2019.

Este tipo de relação de grupos jovens com a cidade pode ser visto, utilizando o exemplo de São Paulo, na resenha de Luna Castro Pavão (apesar de se encaixarem também nas situações de cidades médias e pequenas):

Edifícios públicos e estações de metrô são ocupados para a prática de street dance e break dance; postos de gasolina se tornam lugar de encontro para o desfile de carros personalizados; lojas de

<sup>3</sup> *Drag queens*, ou “transformistas”, são personas criadas por artistas de performance com o objetivo de se transformarem em um personagem caricato a partir de estereótipos femininos (ou masculinos, como na variante *drag kings*). *B-boys* são dançarinos de *breakdance*, tipo de dança originada do gênero musical *hip-hop*.

conveniência reúnem jovens instrumentistas na madrugada. Estas são algumas dinâmicas que exprimem o diálogo constante que se produz entre jovens e a capital paulista.

(PAVÃO, 2012. p. 220)

### **Relação Corpo-Território**

Concordando que “O corpo está no centro de toda relação de poder.” (PERROT, 2005, p. 447), neste trabalho consideramos que o corpo produz diretamente territorialidades no processo de ocupação e apropriação dos espaços urbanos, produzindo relações sociais e territoriais.

A partir da leitura de Michel Foucault (1998) sobre o tema, entendemos também que através da “disciplinarização dos corpos” o Estado, o capitalismo e o patriarcado mantêm a sua dominação sobre a sociedade, de forma a direcionar os comportamentos dos indivíduos para que trabalhem e consumam dentro de uma ideia de “normalidade”. Portanto, esses grupos jovens e tribos urbanas que desviam deste padrão de comportamento são alvo das forças de repressão do Estado que buscam disciplinar estes corpos considerados “rebeldes” pelo sistema.

Assim sendo, o corpo que ocupa a cidade e que desvia dos padrões de usos dos espaços urbanos hegemônicos, considerados “normais”, estabelece novas relações com a cidade.

No espaço urbano, a relação entre *corpo* e *território* pode ser entendida então como um conflito constante entre os corpos considerados “normais” e os corpos “desviantes”, acreditando que “*Nosso corpo físico e o corpo da cidade, e as suas respectivas carnes, se encontram, se tateiam e se atritam nos espaços públicos urbanos.*” (JACQUES, 2011, p.24)

### **Contexto histórico da aplicação do projeto**

Segundo a socióloga Ângela Alonso, em entrevista ao jornal El País, o Brasil é um país historicamente conservador:

Na nossa história recente, desde Fernando Henrique Cardoso, o país vem caminhando em direção a pautas de centro e centro-esquerda. E vamos tendo reações do outro lado. Este é um país muito conservador. Escrevi um livro sobre a abolição da escravidão: demoramos quatro séculos para fazer isso. Não é um país que muda fácil, nem rápido e nem sem reação. As mudanças que tivemos no país desde a constituinte de 1988 levaram as instituições numa direção mais de centro esquerda. Temos uma Constituição muito progressista, instituímos políticas de inclusão social, e isso não é um

consenso. Então existem na sociedade brasileira vários polos de insatisfação contra essa direção progressista e que foram se acumulando ao longo do tempo. A história não é progressiva num sentido evolutivo. Há movimentos em uma direção e reações do outro lado.

(ALONSO, 2019)

Além disso, mesmo antes da eleição do presidente Jair Bolsonaro, o Brasil estava em um período de alta do conservadorismo que, ainda segundo Ângela Alonso, não tende a acabar com o fim deste governo. Estes ideais hegemônicos acabam provocando um aumento de movimentos e ativismos sociais devido a uma necessidade de manter ou recuperar direitos que tendem a ser retirados de grupos oprimidos em tempos de repressão moral.

Desde 2010, com a entrada da Universidade Federal da Integração Latino-Americana em Foz do Iguaçu, o aumento da quantidade de jovens na cidade foi de grande importância para a cena cultural e econômica da cidade. Com outras universidades como a Unioeste, UniAmérica, UDC e outras (incluindo nestas outras as universidades localizadas em Ciudad del Este, no Paraguai, que também tem influência na cidade de Foz do Iguaçu) a população universitária da cidade é grande e desamparada culturalmente na cena urbana.

As universidades produzem diversos eventos culturais e informativos quanto à sua importância para a sociedade. A UNILA, em 2019, iniciou um projeto com o objetivo de aproximar a universidade da comunidade local, fazendo um trabalho de divulgação científica em meio à feira que acontece aos domingos na Av. Juscelino Kubitschek, por exemplo. Existem também projetos da Fundação Cultural com a intenção de incentivar produção e consumo cultural em Foz do Iguaçu, porém são escassos.

Imagem 8: Estudantes da UNILA em evento de divulgação científica na “Feirinha da JK”



Fonte: @instaunila / Instagram, 2019. Disponível em:  
<<https://www.instagram.com/p/Byfhy9cgQ9N/>>. Acesso em: 10/06/2019.

Com o aumento na taxa de desemprego no final do ano de 2018 e início do ano de 2019, acontece uma queda no poder de compra do jovem brasileiro, sendo que este é o público mais atingido pela falta de empregos. Com pouca experiência de trabalho, muitas vezes recém-saídos do ensino médio ou ensino superior, a possibilidade de estágio ou até mesmo emprego fixo diminui drasticamente. Com isso, estes jovens tendem a se tornar financeiramente dependentes de terceiros, o que diminui a capacidade de consumo e posse deste público.

Imagem 9: Captura de tela de manchete do site G1 sobre o aumento do desemprego em 2018. 2019.

# Desemprego é o maior em 7 anos em 13 capitais do país, diz IBGE

19 capitais tiveram índice de desemprego maior que a média nacional de 12,3% no ano passado; Florianópolis foi a capital com menor taxa de desemprego em 2018.

Por Marta Cavallini e Daniel Silveira, G1

22/02/2019 09h06 · Atualizado há 3 meses



Desempregados buscam emprego no Recife — Foto: Reprodução/TV Globo

Fonte: G1 / TV Globo (2019). Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/02/22/desemprego-cai-em-6-das-27-unidades-da-federacao-no-4o-tri.ghtml>>. Acesso em 01/06/2019

Outro fator importante para a análise de contexto histórico do projeto são os “rolezinhos”, que aconteciam por volta dos anos de 2013 e 2014 e se tornou até tema de redação do Exame Nacional do Ensino Médio para pessoas privadas de liberdade (ENEM-PPL) no ano de 2014. Em São Paulo, onde surgiram os primeiros eventos nomeados pelo neologismo “rolezinhos”, os participantes, muitas vezes jovens da periferia, se reuniam em *shoppings* com o objetivo de se encontrarem para que pudessem se conhecer e ouvir música.

Boa parte dos brasileiros utiliza o espaço do *shopping center* também como um local de lazer e não apenas de compras. Muitas vezes os frequentadores de *shoppings* vão até eles com o objetivo de caminhar e ver vitrines. Por isso, por

relacionar este espaço privado com esse uso, jovens também costumam usar este espaço para combinar reuniões com amigos ou fazer eventos que são organizados via redes sociais. Por isso, eventos semelhantes aos rolezinhos acontecem em cidades menores, como é o caso de Foz do Iguaçu.

Esta situação também é gerada pelo fenômeno conhecido como “indústria do medo”, que faz com que locais como é o caso dos shopping centers, com suas câmeras e segurança privada, lucrem sobre o medo que as pessoas têm das ruas, do que está fora, do espaço público:

A indústria do medo é feita pelos que se locupletam não do sucesso do sistema, mas de sua falência. Que nem se pode chamar falência, uma vez que mesmo no desastre da fome, da violência urbana, da indigência, da doença, se estabelece uma forma de lucro, de exploração, de vantagem.

(MOREIRA, 2003. p. 1)

Em Foz do Iguaçu, no shopping do centro da cidade, se reúnem grupos de adolescentes que se dividem em grupos. Nos idos de 2012, quando estavam na moda os “coloridos”, sub-tribo *emo* que tinha como características principais seu modo de se vestir e o gênero musical que ouviam, o grupo dominava o JL Cataratas, o único *shopping* da cidade na época e se subdividia em “clãs”. Em 2019 o grupo que mais se destaca são os “chavosos”, jovens que vem da periferia da cidade, que escutam funk e se vestem de maneira a ostentar suas roupas e acessórios no *shopping*. Esta apropriação por parte destes usuários do espaço privado pode ter sido gerada pela sensação de insegurança e medo do espaço público.

Essa ação desses grupos adolescentes pode ser denominada apropriação do espaço privado aberto ao público, onde eles utilizam o espaço que dá a liberdade de utilização, porém apresenta um público alvo específico: consumidores. Este público alvo é formado por diversas idades, porém há a necessidade da presença quase apolítica destes frequentadores, onde estes não podem exatamente se expressar livremente por serem submetidos às regras definidas pelos diretores deste espaço



## CAPÍTULO 2 - Das situações existentes

### **Análises de ocupações urbanas**

As principais obras de referência para este trabalho são o Largo da Ordem, em Curitiba (PR); a Galeria do Rock e o Beco do Batman, ambas em São Paulo (SP), que já foram trabalhadas anteriormente durante a graduação. Estes locais são especialmente destacados devido a apropriação do espaço pela população contra-hegemônica, apropriação esta que é diferente de acordo com o tipo de espaço.

O Largo da Ordem, na cidade de Curitiba, é um caso de espaço que se torna, durante a noite, principalmente aos finais de semana, um território tomado por um grande grupo de jovens com ideologias e modos de vida diferentes. As ruas do espaço denominado Largo da Ordem, durante o dia, são tomadas por moradores, usando o espaço como passagem, e por turistas, que visitam as edificações antigas e as igrejas e museus que lá se localizam. Durante a noite o local se transforma, jovens tomam o espaço, bares e lanchonetes se abrem de dentro das edificações históricas e o Largo se torna um espaço de lazer e troca de ideias. *Punks* anarquistas e *skinheads* se misturam (e às vezes brigam), seguidores de várias vertentes do metal se encontram e funkeiros estacionam seus carros com som alto no local.

Um dos pontos iniciais da construção de Curitiba, o Largo da Ordem, apresenta um dos locais mais importantes para a história da cidade. Igrejas antigas, construções do que um dia foi a rua principal da cidade, o antigo bebedouro de animais. Os bares, que se localizam na parte interna de algumas destas construções antigas, ficam fechados durante o dia e deixam as fachadas à mostra para os turistas. Isso cria uma sensação de centro histórico vazio, sem interferências recentes. O que não é real.

Curitiba, quanto a política de conservação de patrimônio imóvel, muitas vezes permite que somente a fachada seja mantida, o que cria uma série de edifícios antigos que tiveram somente a fachada conservada e foram totalmente remodelados por dentro, como é o caso do Shopping Estação. Isso cria uma situação onde o centro histórico continua altamente rentável e sempre sendo renovado e reformado em prol da iniciativa privada, especialmente especulação imobiliária e empresários do ramo de comércio e serviços.

O Largo da Ordem é um caso de união de grupos jovens com ideias diferenciadas, cada grupo com suas territorialidades (os metaleiros adentram a Rua São Francisco, funkeiros ficam mais próximos à Fonte da Memória e o público LGBTQI+ se localiza mais próximo à casa noturna Verdant e à CWBears, por exemplo).

Imagem 10: Rua São Francisco, Curitiba, próximo ao Largo da Ordem, 2017.



Fonte: Newton Souza / Google Maps (2017)

A galeria comercial conhecida como Galeria do Rock, ponto de referência da cidade de São Paulo, foi por muito tempo um ponto de convergência de diversas tribos urbanas. O edifício, anteriormente chamado de Shopping Center Grandes Galerias, quando foi construído em 1962 tinha como objetivo abrigar um centro têxtil, com ateliês de costura. A partir dos anos 70, lojas de temática punk começaram a se instalar na galeria apesar da relutância da gerência. O movimento punk e outras tribos relacionadas são conhecidas por seu comportamento destrutivo e suas fortes opiniões políticas e, devido a isso, acabam acontecendo brigas entre as vertentes dos movimentos.

O Shopping Center Grandes Galerias, projetado pelo escritório Siffredi e Bardelli, foi pensado para ser um centro têxtil de aparência luxuosa. Com influências do modernismo, mas muito influenciado pela arquitetura estadunidense dos anos 60, o edifício de curvas sinuosas, projeto de iluminação refinado e murais representando senhoras comportadas fazendo compras não condizem muito com o que o local se tornou.



A transformação do espaço pelos ocupantes ainda deixou aparente sua história de negação das minorias culturais da cidade de São Paulo. A galeria, que quando se esvaziou e se tornou irrelevante, foi apropriada pelos negócios que tinham pouca receptividade pela sociedade e do governo da época em que foi inaugurada. Esta história de repressão ainda transparece pelos detalhes restaurados dos corredores.

Hoje ainda é de grande importância para a cidade, porém apresenta um considerável declínio. A constante mudança de pensamento de geração para geração de jovens cria alguns problemas para espaços como a Galeria do Rock, que atende a nichos específicos da população.

Imagem 11: Galeria do Rock, 2016.

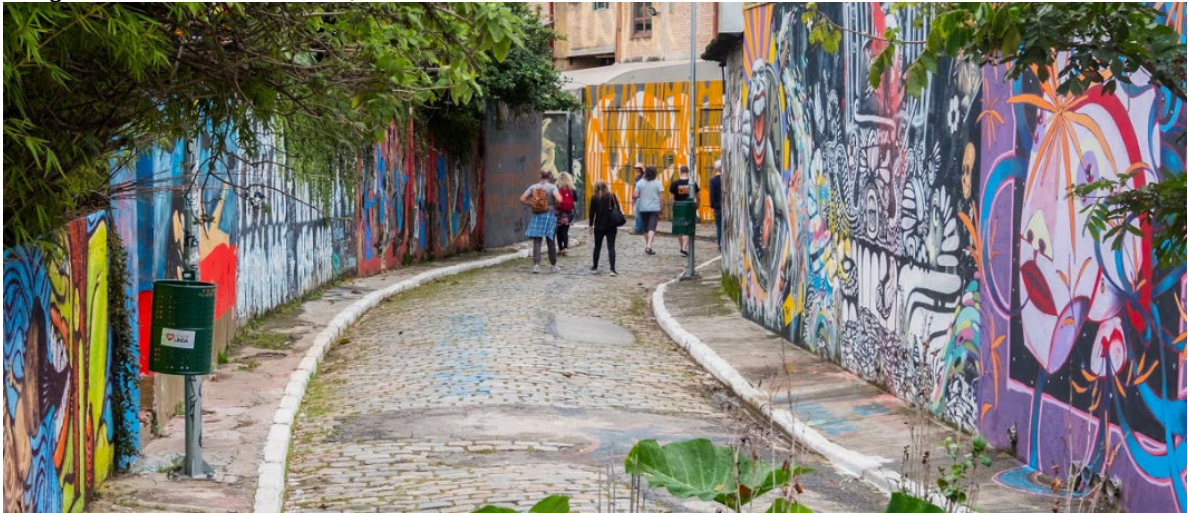


Fonte: Uriel Punk / Estádio Conteúdo / Veja SP (2016). Disponível em: <<https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/galeria-do-rock-faz-passeios-guiados-em/>>. Acesso em: 12/06/2019

No bairro paulistano Vila Madalena, em meio às altas paredes das casas, se localiza o Beco do Batman. Até os anos 70, o bairro da Vila Madalena era habitado por trabalhadores operários e, por isso, era um bairro mais barato e com grandes casas propícias para a criação de repúblicas, um ponto que se tornou interessante para a estadia de estudantes universitários. A partir dos anos 80, o bairro se tornou um espaço considerado mais boêmio devido à necessidade de atendimento aos estudantes que moravam ali e que começavam a se apropriar do espaço para produção cultural.

O Beco, segundo a história contada no lugar, teve como início um pixo do símbolo do super-herói da *DC Comics*, *Batman*, por volta dos anos 80. Isso deu início a um processo de apropriação do espaço das paredes do beco por pixos e grafites e acabou se tornando, nos dias de hoje, um local muito disputado por grafiteiros do país todo.

Imagem 12: Beco do Batman, 2017



Fonte: Luis de Campos Jr. / Google Maps (2017)

Em cidades pequenas como Jandaia do Sul, no Paraná, este tipo de espaço é quase inexistente para jovens com intenção de atuar socialmente, seja a partir de movimentos sociais, ativismos ou ideias individuais. Além de serem poucos os engajados, jovens sofrem vigilância constante e pressão social para que se mantenham “na linha”. Em uma cidade pequena e conservadora (com 20.269 habitantes e com 95% da população católica ou evangélica<sup>4</sup>) como esta ser uma minoria social pode ser considerado algo ruim por grande parte da população, fazendo com que sejam consideradas pouco confiáveis ou, até mesmo, imorais. O caso da “Quadrinha”, uma pequena quadra de futsal coberta que foi transformada em uma pista de skate improvisada, local que skatistas da cidade frequentam, é um exemplo de resistência.

A “Quadrinha”, tendo uma apropriação massiva pelos skatistas da cidade, foi ocupada e projetada pelos próprios usuários. Pista amadora, foi feita após a invasão da quadra de futsal e construída a partir de doações e ligações clandestinas de

<sup>4</sup> Segundo censo IBGE 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/jandaia-do-sul/panorama>>. Acesso em: 10/06/2019.



energia para iluminar o local. Ela hoje é toda grafitada com arte e protestos e é constantemente usada nos horários de lazer dos frequentadores. Este caso demonstra a necessidade de espaços para a ação destes usuários que, apesar da forte repressão social e da prefeitura, resistiram e produziram o próprio espaço de lazer.

Imagem 14: Grafites da “Quadrinha”, pista de skate em Jandaia do Sul, 2017



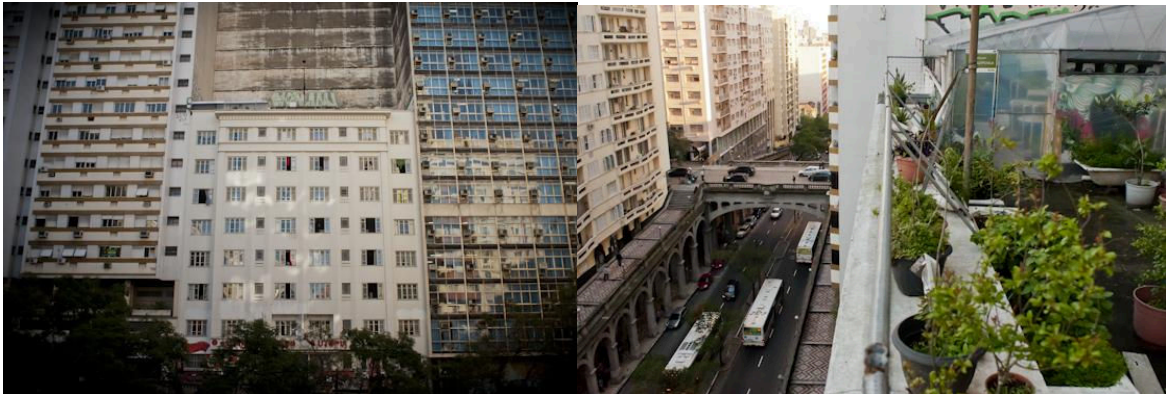
Fonte: Autoria própria (2017).

Outra obra que pode ser usada como referência para o trabalho é a Comunidade Autônoma Utopia e Luta, criada pela Movimento Autônomo Utopia e Luta, que é um movimento anarquista sediado na cidade de Porto Alegre e é a única cooperativa que conseguiu regularização fundiária pelo Programa Crédito Solidário, pelo governo federal. É um espaço criado com o objetivo de abrigar famílias e retomar a função social do prédio que era desocupado havia dez anos.

A comunidade, em 2011 (na época da reportagem do Jornal Sul21<sup>5</sup>), abrigava 42 famílias no edifício de 9 andares que oferecia lavanderia comunitária, espaço cultural e horta comunitária. Com aproximadamente 100 habitantes, o prédio disponibiliza apartamentos de 30 e 25m<sup>2</sup> e funcionava de forma autogestionada.

<sup>5</sup> Disponível em <<https://www.sul21.com.br/noticias/2011/09/assentamento-em-predio-publico-de-porto-alegre-desafia-politica-habitacional/>>

Imagens 15 e 16: Prédio da ocupação do Movimento Autônomo Utopia e Luta, em Porto Alegre, 2011.



Fonte: Ramiro Furquim / Sul21 (2011)

Em abordagem semelhante é possível comentar a ocupação Mercado Sul, no Distrito Federal, cidade-satélite de Brasília. A ocupação ocorreu em lojas abandonadas em Taguatinga com o objetivo de retomá-las com o objetivo de que elas servissem sua função social. Dentre as demandas do movimento estão a que este local se torne patrimônio imaterial cultural do Distrito Federal, desapropriação das unidades ociosas e cessão para os ocupantes do coletivo “Mercado Sul Vive” assim como saneamento básico e coleta de lixo, por exemplo. O Mercado Sul, ou Beco da Cultura, se destaca no Distrito Federal devido à retomada destas ruínas abandonadas tentando desta maneira interferir na situação social do local, incentivando mudanças de caráter físico, econômico, de segurança e cultural locais.

Localizado próximo à Av. Samdu, o conjunto tem aproximadamente 200m de pequenas edificações de dois andares enfileiradas, o local era um espaço comercial razoavelmente forte na década de 60 e com o tempo foi decaindo. Diante disso o local se tornou ponto de tráfico e prostituição. Hoje, após a ocupação, se tornou um ponto cultural com teatros, oficinas, ateliês e brechós.

Imagem 17: Mercado Sul, Taguatinga (DF). 2018.



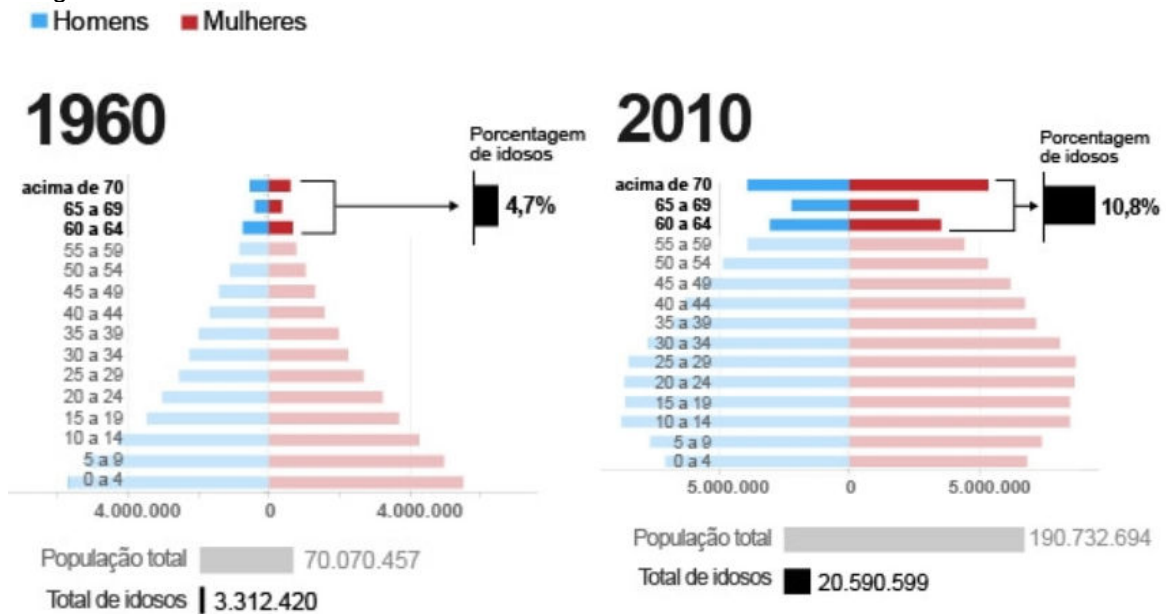
Fonte: Yuri Alfonso Yang, 2018

### **Síntese teórico-conceitual do projeto**

Segundo pesquisa IBGE (apresentada em publicação no site de notícias G1, na imagem 17) população jovem brasileira está se tornando cada vez percentualmente menor com o tempo. Isto acontece devido ao maior acesso à informação e à contraceptivos (com a segunda onda feminista a favor de uma maior liberdade sexual às mulheres, por volta dos anos 70) e preservativos (que receberam maior atenção a partir da epidemia de HIV dos anos 80) e, com isso, maior controle de natalidade e planejamento familiar. Resultado disso é a queda na população jovem e, portanto, uma diminuição de produção cultural por esta faixa etária devido a uma maior repressão social sobre os mais jovens.



Imagem 18: Pirâmide etária do Brasil na década de 60 e em 2010.



Fonte: Globo / G1(2012). Disponível em: <<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2012/04/em-50-anos-percentage-de-idosos-mais-que-dobra-no-brasil.html>>. Acesso em: 15/06/2019

A população jovem de cidades como Jandaia do Sul (PR), com população bastante envelhecida (principalmente a que vive fora do meio rural), também devido a uma saída dos jovens da cidade pela falta de perspectivas, a cidade apresenta apenas aproximadamente o dobro de pessoas de 15 à 29 anos em comparação à quantidade de idosos da cidade (de 65 aos 100 anos)<sup>6</sup>. Isso torna o jovem contra-hegemônico mais retraído, considerando que grande parte da cidade é idosa e/ou conservadora (se levarmos em conta a quantidade de votos que o candidato conservador Jair Bolsonaro, do PSL, recebeu na cidade, 75% dos votos no segundo turno das eleições de 2018<sup>7</sup>) e pode não entender suas formas de se expressar por serem de gerações diferentes.

Com intensidades diferentes entre si, corpos pobres, negros, femininos, LGBTQI+, gordos ou esteticamente modificados sofrem preconceito e opressão nos espaços públicos das cidades brasileiras. Somente pelo fato de estarem no espaço público, visíveis para a população hegemônica, já produzem uma forma de protesto a partir de seu próprio corpo, lutando pelo direito de existirem.

<sup>6</sup> Segundo pesquisa do IBGE. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/jandaia-do-sul/panorama>>. Acesso em 12/06/2019.

<sup>7</sup> Segundo resultados apresentados pelo jornal Gazeta do Povo. Disponível em <<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/municipios-parana/jandaia-do-sul-pr/presidente/>>. Acesso em: 28/05/2019.

Foucault, em suas obras, considera o corpo como “(...)um ente -- com sua propriedade de “ser” -- que sofre a ação das relações de poder que compõem tecnologias políticas específicas e históricas” (MENDES, 2006). Segundo Foucault o corpo é uma superfície que põe em prática relações de poder a partir da maneira em que se propõe na sociedade. Portanto, diante dessas relações de poder geradas por corpos, um indivíduo que foge à norma tende a ser punido. Ao mesmo tempo, um corpo rebelde é resistência ao hegemônico, acreditando, como Foucault, que onde há poder há também resistência neste lugar está o corpo marginalizado, o corpo periférico e o que foge ao padrão estético.

A *internet* também é de grande importância para a restrição de produção de cultura jovem nas ruas da cidade. Outro problema gerado pela *internet* são as “bolhas virtuais” criadas pelos algoritmos das redes sociais que estes acessam (ocorre pois o conteúdo que é oferecido pelas redes sociais tem a ver com as preferências pessoais do usuário, assim o algoritmo destes sites e aplicativos criam uma espécie de “bolha”, onde tudo o que o usuário vê concorda com ele), fazendo com que os usuários não criem diálogo direto com os que pensam diferente deles.

O aumento do individualismo também é algo importante nesta discussão. O século XXI tem como uma de suas características principais o individualismo, principalmente por parte dos mais jovens. Isso gera um distanciamento e uma dificuldade em criar grupos de resistência. Apesar da internet, que cria ligações entre pessoas que pensam de maneira semelhante, o que proporciona encontros, o adolescente dá preferência a permanecer tendo relações impessoais.

O filósofo sul-coreano Byung-Chul Han faz algumas considerações sobre o tema em seu livro “No Enxame: reflexões sobre o digital”:

O habitante digital da rede não se reúne. Falta a ele a *interioridade da reunião* que produziria um Nós. Eles formam um especial aglomerado sem reunião, uma *massa [Menge]* sem interioridade, sem alma ou espírito. Eles são, antes de tudo, *Hikikomori*<sup>8</sup> isolados para si, singularizados, que apenas se sentam diante da tela. Mídias eletrônicas como o rádio *reúnem* pessoas, enquanto as mídias digitais as singularizam.

(HAN, 2018. p. 27)

---

<sup>8</sup> *Hikikomori* é um termo japonês criado para definir jovens que se isolam e evitam contato social se, tornando reclusos em suas casas ou quartos. Segundo pesquisa do governo japonês, conforme exposto em reportagem da BBC Future (disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/vert-fut-47441793>>), aproximadamente 1,5% da população do país vive nesta condição.

A produção da cidade pela governança local também gera embates. Foz do Iguaçu, cidade paranaense conhecida por seu forte mercado turístico, produz diversos projetos de “revitalização” de praças e ruas, transformadas em “cenários”, expressão utilizada por Paola Berenstein Jacques em “Zonas de tensão: em busca de micro-resistências urbanas”, no livro “CorpoCidade”:

Os atuais projetos urbanos contemporâneos são realizados no mundo inteiro segundo uma mesma estratégia: homogeneizadora, espetacular e consensual. Estes projetos buscam transformar os espaços públicos em cenários, espaços desencarnados, fachadas sem corpo: pura imagem publicitária. (...) ou seja, são espaços apolíticos.

(JACQUES, 2010. p. 108)

A imagem publicitária que a prefeitura de Foz do Iguaçu procura ao produzir espaços-cenários se origina da ideia do *city marketing*, a produção de uma boa imagem da cidade para o público externo com o objetivo de atrair investimentos. Com isso, a parte da cidade mais frequentada por pessoas que visitam a cidade recebe mais investimentos que, por exemplo, os bairros. Com isso, os espaços criados para o turista tendem a ser mais policiados, não somente para evitar delitos, mas também com o objetivo de evitar a politização do espaço a partir da apropriação por corpos indesejados, com o objetivo de “higienizar humanamente” o espaço público. Esta higienização é provocada quando há tentativa de utilização do espaço público de maneira política, a partir da presença do corpo indesejado, em espaço movimentado ou utilizado pelo público alvo (turistas e elites locais, por exemplo) das reformas e “revitalizações” promovidas pela prefeitura.



Imagem 19: Postagem no Facebook na página “Batalha da Fonte”, evento organizado na praça Bartolomeu Mitre, Foz do Iguaçu (PR).



**Batalha da Fonte - Foz do Iguaçu** está em Praça da Paz. ⋮

4 de julho às 10:21 · Foz do Iguaçu · 🌐

Na edição #43, diante das constantes ameaças da polícia militar, tomamos a decisão de realizar o evento em outro local pensando na segurança de todos e todas que frequentam a Batalha da Fonte. Simbolicamente fomos para a praça da paz e hoje o evento acontecerá lá novamente! Ainda não recebemos um respaldo da área da cultura nem da segurança pública então continuaremos cuidando dos nossos. Independente dessa situação a batalha foi de mil grau, @vitinho\_escobar\_ teve duelos de peso e levou a folhinha feita pela querida @victo.r.i.a

Contamos com a presença de todo mundo que curte nosso role hj na praça da paz as 20h30, nesse momento delicado pra nós é muito importante o máximo de pessoas possível nos apoiando. Obrigado por tudo e vida longa ao rap iguaçuense @Praça da Paz



3 comentários 5 compartilhamentos

Fonte: Batalha da Fonte – Foz do Iguaçu / Facebook.

Disponível em: < <https://www.facebook.com/batalhadafontefoz/posts/479338542836790>>. Acesso em: 01/07/2019.

A ideia de higienizar é, ainda conforme Paola Berenstein Jacques, uma ação contrária às formas de “profanação” o espaço, tornando-o vivo apesar do projeto urbano cenarizante que o gera.

Algumas ações artísticas críticas na cidade contemporânea buscam ocupar, usar, profanar, apropriar-se do espaço público para construir e propor outras experiências sensíveis e, assim, perturbar esta imagem tranquilizadora e pacificada do espaço público que o espetáculo do consenso tenta forjar.

(JACQUES, 2010. p. 117)

O grafite, a dança de rua, a batalha de rap e a modificação corporal são algumas dessas ações artísticas que provocam incômodo e geram tensão. Segundo Jacques (2010), estas experiências não tem a intenção de se tornarem hegemônicas, mas sim de continuar gerando esta tensão, constituindo os métodos de “profanação” do espaço que foi construído (ou reconstruído, nos casos das “revitalizações”) para evitar a politização.

Um dos maiores símbolos de incômodo à sociedade normativa e “profanação” do espaço público no Brasil é o pixo. Segundo o fotógrafo Choque, entrevistado no documentário “Pixo” de 2009<sup>9</sup>, “a pichação é uma comunicação fechada, é da pichação para a pichação. Então, na verdade ela não se comunica com a sociedade, ela é uma agressão. Ela é feita para agredir a sociedade”. Ainda segundo este, quando a pichação surgiu na década de 80, ela tinha influência da cultura *heavy metal*, *punk rock*, *hard core* e o próprio *rock*, de onde eles tiravam a inspiração para os letreiros de logos de bandas destes gêneros musicais. O pixo pode ser considerado um ícone para este trabalho: é uma modalidade de arte nacional, contra-hegemônica, não-monetizável e política.

---

<sup>9</sup> *Pixo*. Direção: João Wainer e Roberto T. Oliveira. São Paulo: Sindicato Paralelo Filmes, 2009. Disponível em: <https://vimeo.com/29691112>

## CAPÍTULO 3 - Das soluções

### Metodologia

No projeto, a partir das vivências com jovens de tendências contra-hegemônicas da cidade de Foz do Iguaçu, a intenção era de pensar projetos em um local específico e gerar sobre este um processo de apropriação a partir de incentivos ao público alvo. Então foram escolhidos locais no centro da cidade de Foz do Iguaçu que se configuram como vazios urbanos devido a sua situação de abandono ou de falta de comprimento de sua função social.

Considerando a pesquisa feita pelo projeto Curto Circuito da Juventude em 2014, por meio da Secretaria Nacional da Juventude e por iniciativa do Ministério da Cultura, o público jovem demonstrou interesse em mais espaços culturais:

O evento, que aconteceu entre 11 e 13 de abril, mostrou que os jovens querem mais espaços públicos para manifestações culturais: ocupar praças; anfiteatros. Diversidade e divulgação das produções artísticas. Ser parceiros em políticas públicas. Simplificação dos processos de participação em editais e mais financiamento para quem está começando a criar.<sup>10</sup>

Outro agravante para resultado semelhante em Foz do Iguaçu é a falta de locais e eventos culturais e artísticos na cidade. Apesar de tentativas da população (como é o caso da feira que acontece na Av. Juscelino Kubitschek) e da Fundação Cultural de criar projetos de fundo artístico e científico, Foz do Iguaçu ainda sofre com a falta de projetos que atendam à esta necessidade da população, principalmente a população mais jovem, que precisa deste tipo de incentivo para a sua formação para que se tornem adultos críticos e engajados politicamente. Portanto uma certeza foi estabelecida: que este espaço teria viés cultural, comercial, de serviço e moradia.

A partir desta proposta inicial, deu-se início a uma pesquisa aprofundada nos grupos que podem ser identificados como contra-culturais de Foz do Iguaçu, como são os casos de skatistas, *rappers*, comunidade LGBTQI+ (principalmente *drag queens*). Com a vivência gerada pela infiltração nestes grupos a partir de uma aproximação amigável, a conclusão que se chega é que não há a vontade de seguir um processo gerado por intervenção do governo local e sim a partir de uma

---

<sup>10</sup> Citação de notícia no site do Governo do Brasil. Disponível em <<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/04/programa-expoe-vontade-de-jovens-por-espacos-culturais>>. Acesso em: 09/06/2019.

ocupação anarquista dos espaços, devido a uma falta de confiança no sistema político.

Além disso, o conceito de anti-arquitetura (ou anti-projeto) onde o usuário produziria o próprio espaço apenas com um apoio técnico do arquiteto, não estava chegando ao ponto desejado neste processo projetual inicial. Portanto, chega-se a conclusão que é necessário lançar mão do edifício pré-existente e pré-determinado para a apropriação por este público alvo.

Logo, com essas conclusões, foi dado início a um projeto de divulgação e incentivo à ocupações a partir de um manual de como ocupar sem sofrer muito com pressão policial e social contra a tal ocupação.

### **Sobre os resultados do trabalho de campo**

O que se pode perceber dos espaços estudados nas obras referenciadas é que eles são construídos pelos próprios usuários, seja por meio da apropriação ou por meio da ocupação, os espaços de resistência contra-hegemônica não são impostos por quem projeta, são produzidos pelo usuário.

A partir disso, chega-se à conclusão de que o projeto deve ser de caráter não-coercitivo, sem planos de caráter fechado, onde o arquiteto pensa o que deve acontecer e onde. A solução a que se chega é de que é necessário produzir uma ferramenta técnica para a produção de um projeto, denominada neste trabalho um “anti-projeto”, afinal:

Os urbanistas indicam usos possíveis para o espaço projetado, mas são aqueles que o experimentam no cotidiano que os atualizam. São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes, passantes ou errantes que reinventam esses espaços no seu cotidiano. (JACQUES, 2008, p.1)

A função da ideia de “anti-projeto” é possibilitar a utilização de um espaço a partir de informações básicas para a ocupação de espaços públicos e privados, local onde o usuário se sinta possuidor do espaço e dar ferramentas básicas para a produção do espaço. Além disso, dar ideias de como criar cadeiras, luminárias, mesas e outros a partir de material de baixo custo. O que for necessário para transformar um espaço vazio, por exemplo, em uma sala de teatro, uma mesa redonda de discussões, um ateliê de oficinas de arte ou uma sala de aula.

A idéia de projeto no modelo modernista em si é de fundo racionalista e de caráter consumista:

La magnitud del cambio necesario se deriva de la capacidad de la tradición racionalista y dualista para permear la vida cotidiana. Las sociedades modernas ya están profundamente moldeadas por la teoría. Con esto quiero decir que los conocimientos expertos, en gran medida asociados con la tradición racionalista, tienen una profunda influencia en la forma como vivimos nuestras vidas.

(ESCOBAR, 2016. p. 127)

## **A “ANTI-ARQUITETURA” OU “ANTI-PROJETO”**

*Tanta casa sem gente, tanta gente sem casa – Italo Spaghiari*

Observando os edifícios do Centro da cidade de Foz do Iguaçu podemos perceber diversos deles abandonados, gerando desadensamento e vazios urbanos, o que é indesejável. Vazios urbanos dificultam na dinâmica da cidade, criando bloqueios e distanciando equipamentos. Portanto, o projeto a ser desenvolvido tem o objetivo de ressignificar espaços subutilizados que estão vazios a partir de mecanismos para desenvolver um processo de ocupação e apropriação pelo público alvo.

A noção de anti-arquitetura surgiu devido a uma ideia de negar a noção do arquiteto como criador máximo do espaço, ditando o que deve ser feito e onde a partir de escolhas projetuais próprias. A expressão “anti-arquitetura” ou “anti-projeto” foi inspirada nos Parangolés, de Hélio Oiticica, os quais ele chamava de “anti-arte” pois, em sua obra, ele dava a ferramenta para a produção da arte, que era executada pelos usuários na situação do uso e da performance utilizando as peças de roupa chamadas parangolé (Imagens 20 e 21). Hélio Oiticica foi um dos principais criadores do movimento Tropicalista brasileiro, cujas obras inspiraram diversos artistas da contracultura nacional no final dos anos 60 e anos 70 como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Os Mutantes, Gal Costa, Tom Zé e outros.

Inspirada pelas obras de Oiticica, me refiro a anti-arquitetura como uma ferramenta de construção do espaço, dada pelo arquiteto, que incentiva o usuário a produzir o próprio lugar a partir de leis e noções técnicas básicas dadas a partir de um meio de comunicação de circulação interna do público alvo.

Imagem 20 e 21: Caetano Veloso em um parangolé (1968) e parangolés expostos (2013)



Fonte: Culture-se e O Brasil com S

Disponível em: <<http://www.culture-se.com.br/noticias/84/os-parangoles-de-helio-oiticica>> e <<http://www.obrasilcoms.com.br/2013/08/parangole-por-helio-oiticica/>> Acesso em: 09 de dez. de 2019.

O processo para chegar na situação final deste projeto foi conturbada. Inicialmente houve a intenção de liderar um processo de ocupação ou pedir concessão de um imóvel abandonado específico com ajuda da Prefeitura. Havia um início de projeto em um espaço pré-determinado onde se localizava um depósito ao lado de dois lotes vazios sem nenhuma edificação no centro de Foz do Iguaçu.

Mas, após algum tempo de avanço no projeto, o espaço começou a tomar forma de um projeto de reforma comum, com zoneamentos e necessidade de produção de espaços, pré-determinando os usos, que ia justamente contra a ideia inicial: o arquiteto como apoio técnico para um espaço de auto-criação pelo usuário.

Na construção do projeto final deste Trabalho de Conclusão de Curso, a conclusão que se chega é a de que seria necessária a produção de um meio de comunicação jovem, barato e de fácil circulação. Com isso, a solução a que se chega é que o trabalho deveria ser distribuído na forma de uma *zine*, revista de baixo custo e fácil reprodução, que seria oferecida nos espaços frequentados pela população jovem contra-hegemônica - por exemplo, bares, cafés, pistas de skate,

batalhas de rap – e divulgada a partir de lambes (papéis sulfite colados nas paredes com uma mistura de cola e água).

Outro método encontrado é a distribuição de *QR Codes* que dão acesso a páginas de redes sociais da *zine*, que foi nomeada “OKUPA la frontera”, e ao arquivo PDF da própria *zine*. Além disso, existirão *QR Codes* com as guias amarelas ou inscrições imobiliárias (documentos dos imóveis com suas informações oferecidos pela prefeitura) colados em forma de lambes nas fachadas de imóveis ociosos com as informações destes.

A *zine* apresenta passos para uma ocupação tranquila, passos estes inspirados em parte pelo artigo de Andréia Moassab, “Desobediencias”, de 2015, onde a autora indica os passos para uma arquitetura desobediente.

Passo-a-passo: 1-Construa em qualquer terreno vago, preferencialmente, infraestruturado e em especulação imobiliária; 2-construa com o material disponível, do jeito que der e, ainda por cima, que resulte em excelente qualidade espacial e projetiva. Se for profissional da área, simplesmente, 3-seja mulher (ou transexual); seja *negr@* (de preferência *african@*); 4- faça projetos coletivos e participativos; 5-use materiais locais e denuncie o sistema viciado da construção civil; 6-use materiais baratos e ordinários para fazer boa arquitetura; 7-tente alterar significativamente o ensino da arquitetura; 8-altere significativamente o eixo das suas referências bibliográficas e arquitetônicas para o sul; 9-não faça projetos de revitalização; 10-não faça projetos que colaborem para a valorização imobiliária; 11-não faça projetos que expulsem populações de suas casas; 12-nas representações dos seus projetos não use brilho (mesmo porque seus materiais não brilham...), não coloque figuras humanas saídas dos editoriais de moda europeus; 13-negue veementemente a existência do “arquiteto-gênio-criador”; 14-use palavras fáceis e descomplicadas para falar de arquitetura; 15-ponha a mão na massa e o pé no barro; 16-viva no canteiro de obras; 17-seja *amig@* dos trabalhadoresusuários; 18-escute; 19-insista em dedicar a sua vida profissional a tentar melhorar a qualidade de vida das pessoas; 20-faça projetos para os sem-terra, para os semteto, para comunidades quilombolas, para comunidades indígenas; 21-dedique-se a estudar um sistema simples e barato para diminuir que os barbeiros continuem a se instalar nas casas de taipa ou que o mosquito transmissor da febre amarela continue a atormentar a população na em diversas partes do globo; 22-invente um sistema de produção, purificação e armazenamento de água acoplado às casas em locais áridos e desérticos; 23-ajude a popularizar métodos simples e baratos para melhorar o conforto térmico das casas da população pobre no mundo; 24-acredite em viver sem o último *iphone* ou *imac*; 25-seja *invisibilizad@* pelo *mainstream* da arquitetura (ou, as vezes, *desacreditad@*). Ao cumprir um destes requisitos, você já está *certificad@* em desobediência arquitetônica...

(MOASSAB, 2013. p.10)

### **Considerações Finais**

A população jovem e adolescente iguaçuense tem pouca perspectiva de contatos culturais e poucos espaços para se expressar e consumir cultura. Com poucos museus, pouco espaço público de qualidade, pouca liberdade para produzir, a faixa etária estudada se sente presa, deixada de lado e com pouca perspectiva em uma cidade que é produzida principalmente para turistas.

O projeto produzido tem como objetivo ressignificar locais (dando preferência para os centrais) que eram vazios urbano para que se tornem locais de acolhimento e de aceitação para os frequentadores. O local escolhido para ocupação tem a função de incluir e acolher o pensamento jovem e dar condições para que a produção e consumo de ideias aconteça. A intenção da zine é incentivar a produção de espaços que incentivem das diferentes expressões culturais jovens a partir do esporte, da interação direta de pessoas da mesma idade e das artes. Um espaço para que a faixa etária com mais ideias e menos voz teria para tornar público seu “eu-político”.



## Bibliografia

ESCOBAR, Arturo. **Autonomía y diseño: La realización de lo comunal**. Popayán, Colombia: Editorial Universidad de Cauca, 2016. 281 p.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

HARVEY, David. O direito à cidade: A qualidade da vida urbana virou uma mercadoria. Há uma aura de liberdade de escolha de serviços, lazer e cultura – desde que se tenha dinheiro para pagar. **Piauí**, São Paulo, v. 82, jul. 2013. Mensal. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-direito-a-cidade/>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre: s.ed., 2004. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/petgea/Artigo/rh.pdf>>. Acesso em: 30 mai.2019.

HAN, Byung-Chul. **No Exame: Perspectivas do digital**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2018. 136 p.

JACQUES, Paola Berenstein. Zonas de tensão: em busca de micro-resistências urbanas. In: BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein (Org.). **Corpocidade: debates, ações e articulações**. Salvador: Edufba, 2010. Cap. 6. p. 108-119. Disponível em: <[http://www.corpocidade.dan.ufba.br/2010/LIVRO\\_CORPOCIDADE.pdf](http://www.corpocidade.dan.ufba.br/2010/LIVRO_CORPOCIDADE.pdf)>. Acesso em: 01 jun. 2019.

JACQUES, Paola Berenstein. Corpografias urbanas. **Arquitextos, São Paulo**, v. 8, 2008.

JACQUES, Paola Berenstein. Errâncias urbanas. **PARDO, A.L. A teatralidade do humano**. São Paulo: Edições SESC SP, 2011.

MENDES, Cláudio Lúcio. O corpo em Foucault: superfície de disciplinamento e governo. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 39, p.167-181, abr. 2006.

MOASSAB, Andréia. Desobediências. **HipoTesis**, Madrid, n. 17, p. 10, abr. 2015.

MOREIRA, Clarissa. A indústria do medo e a vida na cidade. **Vitruvius**, São Paulo, 03 abr. 2003. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.035/692>>. Acesso em: 10 maio 2019.

PAVÃO, Luna Castro. Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. **Revista de Antropologia da Ufscar**, São Carlos (sp), v. 4, n. 2, p.219-223, jul. 2012. Resenha de: MAGNANI, José Guilherme Cantor & SOUZA, Bruna Mantese de (Orgs). **Jovens na**

**metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade.** São Paulo: Terceiro Nome, 2007. 279 p.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história.** Bauru, SP: EDUSC, 2005.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder.** São Paulo: Ática, 1993.

SOUZA, Marcelo Lopes de; RODRIGUES, Glauco Bruce. **Planejamento urbano e ativismos sociais.** São Paulo: Unesp, 2004. 136 p. (Sociedade, espaço e tempo).

VIRISSIMO, Vivian. Assentamento em prédio público desafia política habitacional. **Sul21.** Porto Alegre, 30 set. 2011. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/noticias/2011/09/assentamento-em-predio-publico-de-porto-alegre-desafia-politica-habitacional/>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

**Anexo B: Art. 2º do Estatuto da Cidade <sup>11</sup>**

Art. 2º A política urbana tem por objetivo ordenar o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e da propriedade urbana, mediante as seguintes diretrizes gerais:

I – garantia do direito a cidades sustentáveis, entendido como o direito à terra urbana, à moradia, ao saneamento ambiental, à infra-estrutura urbana, ao transporte e aos serviços públicos, ao trabalho e ao lazer, para as presentes e futuras gerações;

II – gestão democrática por meio da participação da população e de associações representativas dos vários segmentos da comunidade na formulação, execução e acompanhamento de planos, programas e projetos de desenvolvimento urbano;

III – cooperação entre os governos, a iniciativa privada e os demais setores da sociedade no processo de urbanização, em atendimento ao interesse social;

IV – planejamento do desenvolvimento das cidades, da distribuição espacial da população e das atividades econômicas do Município e do território sob sua área de influência, de modo a evitar e corrigir as distorções do crescimento urbano e seus efeitos negativos sobre o meio ambiente;

V – oferta de equipamentos urbanos e comunitários, transporte e serviços públicos adequados aos interesses e necessidades da população e às características locais;

VI – ordenação e controle do uso do solo, de forma a evitar:

a) a utilização inadequada dos imóveis urbanos;

b) a proximidade de usos incompatíveis ou inconvenientes;

c) o parcelamento do solo, a edificação ou o uso excessivos ou inadequados em relação à infra-estrutura urbana;

---

<sup>11</sup> Disponível em

<<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/70317/000070317.pdf?sequence=6%20Calizaya>>  
Acesso em 11 de Nov. de 2019.

d) a instalação de empreendimentos ou atividades que possam funcionar como pólos geradores de tráfego, sem a previsão da infra-estrutura correspondente;

e) a retenção especulativa de imóvel urbano, que resulte na sua subutilização ou não utilização;

f) a deterioração das áreas urbanizadas;

g) a poluição e a degradação ambiental;

VII – integração e complementaridade entre as atividades urbanas e rurais, tendo em vista o desenvolvimento socioeconômico do Município e do território sob sua área de influência;

VIII – adoção de padrões de produção e consumo de bens e serviços e de expansão urbana compatíveis com os limites da sustentabilidade ambiental, social e econômica do Município e do território sob sua área de influência;

IX – justa distribuição dos benefícios e ônus decorrentes do processo de urbanização;

X – adequação dos instrumentos de política econômica, tributária e financeira e dos gastos públicos aos objetivos do desenvolvimento urbano, de modo a privilegiar os investimentos geradores de bem-estar geral e a fruição dos bens pelos diferentes segmentos sociais;

XI – recuperação dos investimentos do Poder Público de que tenha resultado a valorização de imóveis urbanos;

XII – proteção, preservação e recuperação do meio ambiente natural e construído, do patrimônio cultural, histórico, artístico, paisagístico e arqueológico;

XIII – audiência do Poder Público municipal e da população interessada nos processos de implantação de empreendimentos ou atividades com efeitos potencialmente negativos sobre o meio ambiente natural ou construído, o conforto ou a segurança da população;

XIV – regularização fundiária e urbanização de áreas ocupadas por população de baixa renda mediante o estabelecimento de normas especiais de urbanização, uso e ocupação do solo e edificação, consideradas a situação socioeconômica da população e as normas ambientais;

XV – simplificação da legislação de parcelamento, uso e ocupação do solo e das normas edilícias, com vistas a permitir a redução dos custos e o aumento da oferta dos lotes e unidades habitacionais;

XVI – isonomia de condições para os agentes públicos e privados na promoção de empreendimentos e atividades relativos ao processo de urbanização, atendido o interesse social.